

Masculinidades. Mônica Raisa Schpun (org.). **Boitempo Editorial-Edunisc, São Paulo-Santa Cruz do Sul, 2004, 238 p.**

Romeu Gomes

Instituto Fernandes Figueira, Fiocruz

A começar pelo seu título, o livro – composto por nove partes – trata da pluralidade do masculino. Nesse olhar plural, revela-se a crítica incessante à masculinidade reduzida a uma categoria que torna os homens homogêneos. Em oposição a essa redução, os autores buscam analisar os processos dinâmicos de construção e reconstrução do masculino. Para isso, rompem fronteiras, fazendo dialogar diferentes campos disciplinares (antropologia, história, psicanálise e sociologia), em busca de uma abordagem interdisciplinar, não só como produto da coletânea dos trabalhos como também no interior de cada texto.

Além das fronteiras disciplinares, também fronteiras geográficas são rompidas. As análises presentes na obra trilharam territórios nacionais e internacionais. Nesse sentido, autores de universidades, regiões e tendências variadas são reunidos para tratarem da riqueza do ser masculino, a partir de realidades diferentes.

Na *introdução*, a organizadora da obra, Mônica Raisa Schpun, apresenta um pouco da história como surgiu o interesse de se produzir o debate sobre as masculinidades, bem como os propósitos do debate. Além disso, de forma sucinta, pontua os conteúdos de cada um dos capítulos. Ao longo de sua exposição, ela adverte acerca da complexidade das questões envolvidas em torno das masculinidades, demandando refinamento intelectual para a construção de categorias analíticas e explicativas sobre a temática.

Abordando a *dimensão sexual de uma guerra*, Véronique Nahoum-Gappe não só descreve os atos violentos cometidos contra mulheres da ex-Iugoslávia, pelo exército sérvio, como também situa os estupros em uma lógica de guerra. Nessa lógica, o estupro não só se constitui uma agressão moral e física contra a mulher, mas também produz *um assassinato da identidade específica*, transformando não só a mulher como toda a comunidade. Nesse sentido, a degola dos homens e a violação das mulheres se articulam de forma homóloga num conjunto de estratégias organizadas e voltadas para as populações vencidas, visando a sua destruição, tanto física quanto simbólica.

Em *Masculinidade e violência*, Lia Zanotta Machado, baseando-se em entrevistas com presos que cumprem pena por estupro, revela sentidos do ser masculino: masculino-sujeito opondo-se ao feminino-objeto; masculinidade associada ao controle dos desejos e das vontades, e masculinidade como encaenação do controle e do poder. No estupro, a penetração peniana se acirra como o único instrumento de se apoderar sexualmente. Nele, o verdadeiro macho – aquele que não se segura e cede à fraqueza – entende o “não” de sua vítima como uma forma de sedução.

Luisa Leonini, em seu estudo sobre *os clientes das prostitutas*, aponta para o fato de ser a prática do sexo pago um fenômeno ainda amplamente praticado e

difundido. No cenário de mudanças nas relações de gênero, surgidas a partir da década de 1960, no Ocidente, pagar uma prostituta pode, dentre outros, associar-se aos seguintes significados: a obtenção do gozo total, sem que haja exigências de atenção e de satisfação do outro; uma experiência de uma relação pela qual o ser masculino passa para se iniciar sexualmente; uma possibilidade de se ter acesso aos desejos mais perversos e reprimidos; a reafirmação de uma relação de poder. Para além desses e de outros significados, a autora, com base nas mulheres imigrantes que praticam a prostituição em Milão (Itália), traz um outro olhar sobre a sua temática: ver a prática do sexo pago numa perspectiva de *prostituição cultural no qual as pessoas pertencentes a países “economicamente em desvantagem” se mostram dispostas a aceitar qualquer tipo de trabalho que seja capaz de lhes trazer compensações, através da satisfação dos desejos das pessoas que pertencem aos países “mais desenvolvidos”* (pp. 103-104).

Ao abordar *os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo*, Daniel Welzer-Lang se centra na crítica ao duplo paradigma naturalista que orienta a construção das masculinidades: a superioridade masculina em relação às mulheres, e a produção da norma política andro-heterocentrada e homófoba que define o “homem de verdade”. Esse duplo modelo, além de operar nas relações intergêneros, também atravessa as relações hierárquicas entre homens.

Em *trilhas urbanas e armadilhas humanas*, Durval Muniz de Albuquerque Jr. e Rodrigo Ceballos abordam a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste do Brasil, nos anos 70 e 80. A análise, dentre outras conclusões, assinala que as hierarquias ocorridas na prática homossexual *atravessam não somente as diferenças de classes e condição social, mas também as de faixa etária e de expressão e vivência da homossexualidade* (p. 143).

Susan Clayton, em *o hábito faz o marido*, apresenta um exemplo de uma *female husband* – o caso de travestismo ocorrido na Inglaterra do século 19. Com a autópsia do operário James Allen, morto num acidente, que revela se tratar do corpo de uma mulher, a opinião de médicos, da imprensa e da população local se mobiliza. Segundo a autora, o desejo de Allen mudar o seu destino transformando-se em uma *female husband*, através da dissimulação, *confirma a pobreza das escolhas abertas aos seres humanos no campo da expressão genérica, onde reina uma rígida dicotomia oficial* (p. 172). Assim, no limite entre o binarismo social (masculino/feminino) e o poliformismo inato dos seres humanos em termos de multiplicidades identitárias e de preferências sexuais, uma mulher recusa ser tolhida pelas convenções.

Nas *narrativas sobre fundadores de grupos empresariais brasileiros*, Adriana Piscitelli mostra *a coexistência, não isenta de tensões e ambigüidade, de um amplo leque de diferenciações e, ao mesmo tempo, apresenta denominadores comuns de feminilidade e masculinidade* (p. 201). Nos relatos de empresários e de suas famílias, fica patente que, nas relações lineares

entre termos de pares opostos, as características definidas como masculino ou como feminino *não recobrem inteiramente masculinidades, feminilidades, homens, mulheres nem as modalidades da pessoa por eles e elas acionados* (p. 201).

Ao abordar os meandros de um itinerário emblemático (*de canhão a cartola*), Mônica Raisa Schpun focaliza a pesquisa biográfica de Carlota Pereira de Queiroz, primeira deputada federal brasileira, cujo exercício político ocorreu no período de 1933-1937. Em torno dessa mulher e médica, preconceitos lhes foram projetados por ocupar um espaço tido como do masculino. Assim, de *canhão* (por ser vista como uma mulher feia, sem os atributos tidos como femininos) passa a ser considerada *cartola* (trocadilho com o seu nome) – adereço que combina *poder e masculinidade*. Carlota, simboliza, sobretudo uma subversão no processo de se considerar espaços sociais como femininos ou masculinos, bem como no

fazer coincidir características tidas como masculinas com os homens e as femininas com as mulheres.

Esse amplo debate sobre as masculinidades pode trazer muitos benefícios para o campo da Saúde Coletiva. Dentre eles, destaca-se a perspectiva plural que esse campo pode adotar ao lidar com as relações intergêneros, em geral, e com a singularidade do ser masculino. Tal abordagem pode aumentar o foco de compreensão tanto da intervenção na doença quanto da promoção da saúde. Através da pluralidade, de um lado, pode-se descobrir que comprometimentos da saúde podem ser produzidos a partir do processo de fazer coincidir as características tidas como masculina no ser homem e as tidas femininas no ser mulher. Por outro lado, tal perspectiva instiga a se pensar uma vida mais saudável de homens e mulheres, construída a partir da superação de modelos excludentes, monolíticos e redutores que regem o masculino e o feminino.

***A confraria da esquina. O que os homens de verdade falam em torno de uma carne queimando: etnografia de um churrasco de esquina no subúrbio carioca* – RJ. Rolf Ribeiro de Souza. Bruxedo, Rio de Janeiro, 2003, 128p.**

Eduardo Costa
IFF/Fiocruz

O título muito instigante – *A confraria da esquina. O que os homens de verdade falam em torno de uma carne queimando: etnografia de um churrasco de esquina no subúrbio carioca* – tem seus simbolismos desvelados ao longo do livro, que podem ser degustados pelo leitor interessado no universo da masculinidade e seus reflexos sociais.

Trata-se de uma dissertação, defendida no mestrado em Ciências Sociais da Uerj que aborda um tema pouco explorado: as pesquisas etnográficas sobre o masculino. O ativista negro e jovem antropólogo Rolf Ribeiro de Souza nos apresenta um quadro, simultaneamente, bem embasado e bem-humorado.

A obra se compõe de quatro capítulos, que iniciam com uma leitura espacial: “A esquina: seu território e seus limites”, que apresenta cada membro da confraria e como se organizam na ocupação do *locus*; delimitando fronteiras, respeitadas pelos transeuntes e grupo; prossegue com a percepção da “Construção social do gênero do espaço”, descrevendo a transmutação de espaço público em espaço masculino “privado”, e identificando “A sociabilidade masculina na esquina”, compreendendo como o *ethos* do grupo é constituído. Conclui com “o que um churrasco num subúrbio carioca poderia nos dizer sobre masculinidade?”, que avalia a contribuição e relevância de sua pesquisa para as Ciências Sociais.

Ao desvelar o cotidiano de um grupo de quinze homens, moradores do bairro do Irajá no Rio de Ja-

neiro (“subúrbio” carioca), compromissados religiosamente com um churrasco de rua aos sábados, o autor nos presenteia com reflexões sobre a construção da identidade e do gênero masculino.

Os múltiplos aspectos, relacionados a esta construção, se metaforizam na ocupação dos espaços e nos rituais que se instituem nas interações do grupo entre si e com o entorno. Souza desconstrói diversos desses comportamentos, levantando algumas hipóteses e dialogando-as com teóricos relevantes, como Elias, Geertz, Mauss, Mirandé, entre outros.

O autor evoca alguns pontos nevrálgicos da identidade masculina, reforçando que ela só pode se dar no social, no coletivo sendo de extrema fragilidade e necessitando ser reforçada a todo o momento. A gestualidade, o vocabulário, os testes lúdicos, como já ressaltado por DaMatta, estão a serviço da tarefa do mito de Sísifo: erguer a enorme pedra morro acima e, apesar de ter de recomençar eternamente, comprovar ser digno da tarefa.

Souza nos recorda que: *A masculinidade é uma experiência coletiva desenvolvida por intermédio de ritos, testes e provas concebidas para o sujeito responder publicamente se é ou não é um homem. Esta lógica faz com que os homens busquem sistematicamente inserção em práticas coletivas, através das quais, irão pelo desempenho garantir para si visibilidade e status social* (p. 90).

E ilustra esta afirmação com a partida de futebol que antecede ao churrasco de esquina, nos afirmando que ela é uma ritualização da violência, em que um verdadeiro duelo é travado para a defesa e delimitação de territórios. É a honra do grupo que está em jogo.

O estudo de Souza também discute a divisão entre Zona Sul e Zona Norte do Rio de Janeiro, quanto às representações das funções e o *habitus* masculino, e também acaba por apontar semelhanças funda-